

NOTA DE ABERTURA

O IX volume da «Revista da Faculdade de Letras. História» vem a público num momento cultural marcado, entre outros aspectos, pelo clima das Comemorações do V Centenário dos Descobrimientos Portugueses e Encontro de Culturas, em que fomos pioneiros, e pelas ambivalentes sequelas da integração europeia.

Se a primeira destas realidades nos obriga a reflectir sobre a nossa identidade e no que fizemos, omitimos e fizemos mal, em relação aos povos e territórios outrora de administração portuguesa, exige também a indispensável abertura para o apoio, o diálogo e a colaboração, em pé de igualdade, que os novos estados de língua oficial portuguesa privilegiam com Portugal, tendo a História, neste sector, uma função relevante a desempenhar.

Por sua vez, o processo de integração europeia, para lá das inegáveis vantagens económicas, políticas, defensivas, etc., que lhe são reconhecidas, vai introduzindo subtil e profundamente, por via cultural, factores de estreitamento dos vínculos de adesão, que todos desejamos não venham ferir a saudável consciência da identidade nacional.

É neste contexto que não pode deixar de causar apreensão o

desdém, publicamente manifestado perante todo o País pelo mais alto responsável pelo Ministério da Educação e Cultura, em relação ao ensino da História e da Filosofia, que, de mãos dadas com a Língua e a Cultura Portuguesas, constituem os melhores pilares da razão e da consciência de sermos portugueses.

Mesmo sendo redundante, impõe-se, por isso, recordar que não serão as ciências puras e as mais sofisticadas tecnologias de ponta — cujos êxitos e benefícios para a sociedade vivamente saudamos — que poderão transmitir às gerações presentes e futuras a consciência da especificidade portuguesa. Trata-se, sem dúvida, de assunto da mais elevada importância, que, a médio ou mais dilatado prazo, poderá ter graves consequências no plano nacional.

Não obstante a perplexidade e o desânimo instalados em certas áreas do Ensino Superior, no âmbito das Ciências Humanas, acreditamos que o bom senso dos responsáveis triunfará e não permitirá que a visão economicista do saber e da cultura destrua radicalmente um património científico e valores e recursos humanos que tanto custaram a formar.

J. Marques